



ILAN BRENMAN

O bico

ILUSTRAÇÕES: Noemí Villamuza

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Maria Clara Buffo de Cápua

Coordenação: Maria José Nóbrega

- Leitor em processo – 2º e 3º anos do Ensino Fundamental

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



O bico

ILAN BRENNAN



UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ilan Brennan tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de portenhos (argentinos), neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 30 livros publicados (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), *O turbante da sabedoria* (SM, 2008) e *O Senhor do Bom Nome* (Cosac Naify, 2004). Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Para saber mais informações sobre a trajetória do autor, acesse: www.ilan.com.br.

Leonor era uma menina comum. Tinha uma mãe carinhosa, um pai atencioso e até mesmo um irmão mais velho. Ia à escola todos os dias e, de vez em quando, ia à fazenda da família. Mas aonde quer que fosse e com quem quer que fosse, ela sempre levava algo consigo: um insatisfeito bico estampado na cara.

Essa aborrecida expressão, que a acompanhava desde a hora que acordava até a hora de dormir, rendeu-lhe até mesmo um apelido na família: em pouco tempo Leonor ficou conhecida como “senhorita bicuda”.

Mas a vida pode nos reservar surpresas...

Um dia, em um passeio com a família pela fazenda, Leonor, de tão perdida em seu bico, acabou se perdendo de seus pais e de seu irmão. Sem dar o braço a torcer, não chamou por eles, apenas manteve a expressão fechada e sentou-se ao pé de uma árvore. E foi aí que aconteceu... Por entre os galhos e as folhagens, Leonor viu, assim de perto, um incrível tucano. Ele era preto, branco, amarelo e azul, e – pasmem! – tinha um imenso bico colorido.

Leonor nunca tinha visto um pássaro tão bonito.

É nesse momento que a história de Ilan Brenman se abre para o inesperado. Bico com bico, o encontro entre o tucano e Leonor permite que a garota vivencie uma forma de reconhecimento e tenha, por fim, uma chance de transformação.

Mas, afinal, como poderia o tucano, com seu belo e evidente bico, desfazer o persistente e amarrado bico de Leonor? Para essa pergunta, o autor não se vale de respostas prontas, guiadas pela lógica. Ao contrário, aposta no que há de misterioso na vida e também na sensibilidade do pequeno leitor, capaz de apreender movimentos e sensações para além de uma lógica explicativa. Afinal, ao contrário do que muitos “ finais felizes ” por aí nos induzem a acreditar, não existem fórmulas prontas para a felicidade.

Com uma narrativa simples e sucinta, Ilan nos apresenta uma faceta da infância com a qual de imediato nos identificamos. Afinal, quem nunca fez um bico? Com o apoio das belas ilustrações de Noemi Villamuza, a emburrada menina Leonor logo ganha a simpatia do leitor, cativando-o com a sua tão reconhecida dificuldade de sorrir.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: conto.

Palavras-chave: infância, humor, reconhecimento.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Artes.

Tema transversal: Ética.

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental).

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Este livro possui um título bastante inusitado – *O bico*. Apresente esse título aos alunos perguntando o que essa palavra sugere. Seria simplesmente o bico de um animal? Um tipo de chute no futebol? Ou seria ainda um tipo de trabalho informal? Proponha uma conversa em torno dos vários significados que essa palavra pode ter. Essa atividade com certeza despertará na turma maior curiosidade em torno da obra.
2. Leia em voz alta a sinopse do livro, localizada na quarta capa. A partir dessa leitura, a turma descobrirá, afinal, que o “bico” do título se refere à expressão de Leonor. Embora possamos identificar, nas entrelinhas da sinopse, que o bico em questão é um bico de insatisfação, para o jovem leitor esse gesto ainda pode sugerir outros significados, como um bico feito para asso-biar, para beijar ou mesmo para tomar um suco pelo canudinho. Proponha uma conversa com os alunos permitindo que eles levantem essas possibilidades, mas também de modo a buscar o real significado proposto pelo texto.
3. A personagem principal do livro apresenta uma característica bastante comum ao universo infantil: sua insatisfação não se traduz em palavras, mas em uma expressão facial. Para aproximar os alunos da personagem e da obra como um todo, diga-lhes que conversem com seus pais, perguntando: “eu faço bico?”, “quando é que isso acontece?”. Posteriormente, pergunte-lhes como foi essa conversa, dando espaço para que eles possam compartilhar suas experiências.

Durante a leitura

1. Uma característica interessante do livro é a maneira como a palavra e a imagem se complementam na produção de sentido. Peça aos alunos que observem a maneira como os diálogos são propostos na narrativa. Em diversas passagens, o autor introduz perguntas na voz das personagens periféricas, como a mãe, o pai ou a professora, que são respondidas por Leonor exclusivamente através das ilustrações: a persistente imagem da menina “bicuda” e levemente mal-humorada. Que sensação é gerada por esse jogo entre a imagem e a palavra? Ele dificulta a compreensão da história? Ele a enriquece? O silêncio de Leonor

- contribui de alguma maneira para que venhamos a conhecer melhor a personagem?
2. Realize uma segunda leitura do livro, desta vez em sala de aula e em voz alta. Conduza essa dinâmica de modo que cada página seja lida por um aluno diferente, de maneira pausada. A cada troca, dê um tempo para que possam observar as ilustrações, fazer perguntas e comentários sobre as passagens ficcionais.
 3. Peça aos alunos que atentem para os momentos em que a palavra “bico” é inserida na narrativa. Veja se percebem que ela está destacada por uma diagramação diferente com relação ao resto do texto.

Depois da leitura

1. Uma característica do “bico” é que todo mundo sabe o que ele significa. Quando vemos alguém com um bico, rapidamente identificamos uma forma de insatisfação. Nesse sentido, essa é uma expressão muito transparente, que revela um estado de espírito com muita facilidade. Proponha uma brincadeira de adivinhação com os alunos. Para começar, resgate com eles alguns sentimentos e sensações presentes no nosso dia a dia, como a alegria, a tristeza, a raiva, o medo etc. Tome nota de todos esses estados em pequenos papéis recortados. Em seguida, proponha que um aluno aleatoriamente escolha um desses papéis e se desafie a expressar esse sentimento com o rosto. Os demais alunos da sala deverão tentar adivinhar qual é o sentimento em questão. Abra esse jogo para que todos tenham a chance de representar um sentimento. Essa atividade, além de exercitar a expressão corporal, com certeza estimulará os alunos a pensar em novos estados de espírito, que não haviam sido levantados anteriormente. Dê espaço para que isso ocorra e tome nota de todos os sentimentos abordados.
2. Ainda com o intuito de explorar esse jogo de representação, proponha um novo exercício, desta vez buscando interagir com as aulas de Artes. Tendo por base os sentimentos levantados anteriormente, peça aos alunos que procurem representá-los novamente, desta vez por meio de um desenho. Como eu represento uma pessoa triste? E uma pessoa apaixonada? Estimule-os a utilizar cores para compor essas imagens. Um azul pode aludir a um sentimento de paz? Ou seria um sentimento de tristeza? Para alguns, essa cor pode representar simplesmente a alegria de um banho de piscina... Se possível, sugira que cada aluno crie dois desenhos diferentes, de modo a exercitar a representação de mais de um estado de espírito.
3. *O Bico* apresenta claramente uma brincadeira de aproximação entre o ser humano e o animal. Se em um primeiro momento a

personagem Leonor é comparada com um tucano pelo tamanho de seu bico, num segundo, ela se espelha em uma hiena, que está sempre a dar risadas. Assim, proponha aos alunos que individualmente se perguntem com quais animais eles se parecem. Essa semelhança não deve ser buscada exclusivamente por traços físicos, mas principalmente por características de comportamento, por exemplo: um cão é comumente conhecido por sua fidelidade, um leopardo por sua velocidade, diz o ditado que os elefantes têm boa memória... A partir dessa ideia, peça que cada aluno escreva um pequeno texto com base na frase “*Se eu fosse um animal, eu seria um...*”. Diga-lhes que explorem as características de semelhanças, em um formato que pode tanto ser em prosa quanto em poesia.

4. Ilan Brenman, antes de se tornar escritor, dedicou-se à arte de contar histórias oralmente. A experiência de *ouvir* uma história contada pode ser muito diferente daquela proporcionada pela sua leitura. A partir dessa ideia, divida a turma em grupos de cinco ou seis crianças e peça que eles preparem uma *contação* da história de Leonor. Estimule-os a utilizar elementos sonoros e visuais para enriquecer a apresentação, como uma música de fundo ou a representação facial do bico. É interessante ressaltar que, para realizar esse exercício, os alunos não devem decorar a história tal como escrita no livro, mas sim recontá-la com as suas próprias palavras. De caráter mais teatral, essa atividade irá exercitar a capacidade de apropriação do material lido por parte das crianças.



DICAS DE LEITURA

1. DO MESMO AUTOR

- *Papai é meu!* São Paulo: Moderna.
- *Caras animais.* São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Telefone sem fio.* São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Bocejo.* São Paulo: Companhia das Letrinhas.

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *As aventuras de Ana Clara,* de Luísa Nóbrega e Deyson Gilbert. São Paulo: Moderna.
- *Sete histórias para contar,* de Adriana Falcão. São Paulo: Salamandra.